

Representações Culturais de Crises na Série *The Boys*¹

Caroline Rebola Premaor²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

A pesquisa tem como temática as representações culturais de crises e visa identificar, a partir do seu objeto de estudo, o seriado *The Boys*, se e como as representações das práticas de gestão de crise envolvendo celebridades aproximam-se das teorias da área no contexto real. Faz uso da análise de representações, conforme indicada por Freire Filho (2008), como principal técnica metodológica. Fundamenta-se nas ideias sobre representações culturais a partir de Hall (2016) e em conceituações sobre crises e técnicas de gestão. Os resultados indicam proximidade com as técnicas da área, além da relevância do processo de gestão de crises na manutenção de relacionamentos entre públicos.

PALAVRAS-CHAVE: representações culturais; gestão de crises; séries; *The Boys*.

INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

A série norte-americana *The Boys* é de responsabilidade do *showrunner* Eric Kripke sendo produzida e distribuída pela plataforma de *streaming Amazon Prime Video* em mais de 240 países e territórios. Em suas três temporadas explora de maneira sarcástica o mundo dos super-heróis, trazendo críticas à corrupção e outras questões da sociedade atual espelhadas em determinados personagens e situações da trama, aprofundando-se cada vez mais em uma crítica política com o passar das temporadas. As inúmeras críticas feitas pela série, principalmente as direcionadas ao corporativismo, a adoração de celebridades (nesse caso, representados pela figura dos heróis) e a influência das mídias são trazidas para a trama por meio das ações hediondas feitas pelo grupo de heróis principal (Os Sete) ou pela própria organização responsável por eles (a *Vought*) e a impunidade sobre elas. Essa isenção é gerada pelo acobertamento dessas ações, quando elas ocorrem longe dos holofotes, ou então, quando as ações acabam sendo propagadas nas mídias, é almejada a partir do gerenciamento dessas situações, conduzido pela

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Risco, Crise e Comunicação), evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação do Curso de Relações Públicas da FABICO-UFRGS, email: caroline.premaor@gmail.com.

Vought. Assim, além das inúmeras técnicas comunicacionais que surgem na trama, as crises e seu gerenciamento são constantes. Com isso, acredita-se que esse cenário gera um repertório propício para analisar como as crises são representadas em produtos audiovisuais, visto que elas ocorrem a todo o momento e para identificar se e como as representações das práticas de gestão de crise envolvendo celebridades aproximam-se das teorias da área no contexto real.

Diante desse cenário e do objetivo proposto, a análise do objeto foi realizada a partir de uma abordagem de caráter exploratório, utilizando o método de análise de conteúdo, visto que ele ajuda a “fazer extrapolações, estabelecer tendências, para compreender padrões e avaliar diferenças” (Krippendorff, 2004 *apud* Sampaio; Lycarião, 2021, p. 23). Traz também a análise de representações (focada nas representações culturais), conforme indicada por Freire Filho (2008), como principal técnica metodológica, pois a partir dela é possível caracterizar o contexto real em que o fenômeno representado ocorre, as nuances representacionais presentes no objeto estudado e compará-las a fim de compreendê-las em sua complexidade. Assim, partindo dessas técnicas, foi analisada uma crise que se desenrola em três episódios da série, sendo descrita e estudada por meio das seguintes categorias pré-estabelecidas: contexto; comportamentos adotados na gestão da crise e sentido representacional pretendido – baseando-se no que Hall (2016) aborda sobre deslizamentos de sentido.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PRINCIPAIS RESULTADOS DA ANÁLISE

Para compreender o funcionamento das representações inseridas na trama, foi necessário o tensionamento de teorias com os trechos selecionados do seriado, sendo possível assim gerar as inferências e interpretações necessárias para a análise. De tal forma, cabe destacar as concepções do sociólogo e teórico Stuart Hall sobre representações. Para ele “nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, [...] os valores que nelas embutimos” (Hall, 2016, p. 21). O autor aponta que essas representações são compostas por dois tipos de processos: um mental, no qual toda ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos é correlacionada a um conjunto de conceitos que as pessoas carregam e outro de tradução para o sistema em que as pessoas foram ensinadas a compreender o mundo.

Desse modo, as representações também se mostram mutáveis, por serem criadas por sujeitos culturais. Esses diferentes entendimentos também estão ligados ao que o autor chama de deslizamentos de sentido, presentes em toda interpretação, que nada mais é do que “uma margem – um excesso em relação ao que pretendíamos dizer – na qual outros sentidos ofuscam a afirmação ou o texto, e outras associações despertam, conferindo um sentido diferente ao que nós dizemos” (Hall, 2016, p. 61). Muitas vezes, esses deslizamentos são acionados de forma proposital em produtos audiovisuais por produtores ou roteiristas que visam criar piadas de duplo sentido ou representações satíricas de determinados assuntos, despertando nos espectadores outras camadas de interpretação além do que está sendo superficialmente exibido – a partir de um trabalho de codificação e decodificação.

Para a análise proposta é crucial, também, compreender o que é uma crise e como geri-la. O termo crise pode receber diferentes concepções conforme o cenário em que se estabelece, estando sempre relacionado a um momento de tensão, conflito ou incerteza, que ocorre, na maioria das vezes, de surpresa e em um ritmo acelerado, requerendo atenção imediata. De modo geral, uma crise pode afetar, além de instituições e governos, figuras públicas ou ainda celebridades. Segundo Teixeira (2019), a gestão de crises é um processo integrado que envolve momentos de prevenção e preparação, com a gestão dos riscos, da segurança e da crise em si, e tem como principais pilares o monitoramento, a comunicação e, por fim, o controle. Realizar um gerenciamento de crises com ética e transparência é imprescindível para manter um bom relacionamento com os públicos envolvidos. Diante disso, ela salienta que, nessas situações, um vídeo nas redes sociais é uma importante ferramenta, pois demonstrar (a partir dele) uma fala e um posicionamento claro e coeso faz toda a diferença. Para tal, faz-se necessário ter um porta-voz que, como consequente, Dornelles (2012) diz que é importante esse porta voz receber um treinamento (*media training*) para saber como conduzir vídeos e entrevistas. A autora também reforça que para lidar de forma eficiente com o gerenciamento de uma crise os responsáveis devem ser: abertos, rápidos, transparentes e amplamente comunicativos.

De tal forma, com base na metodologia previamente exposta e nos conceitos acima explanados, deu-se a análise da situação selecionada. A crise em questão tem seu primeiro ato ainda no episódio 1, quando a personagem Starlight, recém escolhida para fazer parte dos Sete é chantageada e abusada por outro personagem do grupo, chamado

Deep. O personagem se aproveita de um momento em que estão sozinhos para chantagear Starlight, que fica chocada com a situação, mas acaba sendo coagida e cede à ameaça. O estopim para a crise só ocorre no final do episódio 5, quando a personagem revela o abuso sofrido durante sua participação em um evento, sendo assistido pelas pessoas presentes e transmitido na televisão. No episódio 6 a crise tem seu gerenciamento realizado, desse modo, é mostrado como a revelação feita por Starlight está repercutindo na mídia, também são exibidas as consequências da revelação dentro da corporação (*Vought*).

Quanto às características relacionadas a forma que a crise foi gerida, pode-se destacar que, mesmo com sua grande repercussão, a empresa não se posicionou imediatamente. Isso pode ser compreendido a partir da reportagem que aparece nos primeiros minutos do episódio, onde a mídia diz que já se passaram duas semanas da participação da personagem na feira e da revelação feita por ela. Essa atitude vai contra os conselhos de Dornelles (2012) que indica que as organizações sejam rápidas e abertas frente às crises. Mesmo a corporação optando por não se pronunciar, a revelação feita por Starlight continuou circulando por meio dos inúmeros comentários, opiniões e palpites presentes nas redes sociais e na imprensa com uma velocidade alarmante.

Assim, a exposição da crise estava se intensificando, o que passou a preocupar a gerenciadora de heróis da *Vought*, Madelyn Stillwell. Afinal, conforme Neves (2000), essa superexposição pode implicar em perdas de imagem e/ou financeiras tanto para a empresa quanto para as figuras envolvidas, mas o autor reforça que o posicionamento certo é capaz de diminuir os prejuízos. Nesses casos, um posicionamento correto está relacionado a agir de forma ética, transparente e coerente, indicando as medidas a serem tomadas e punindo os responsáveis. Contudo, num primeiro momento, a personagem tenta ocultar os fatos, gerindo a crise de uma forma antiética ao coagir a vítima a não falar mais sobre o assunto. Porém, essa tentativa de ocultar o caso não é bem-sucedida.

Logo, por conta desse fator somado ao não esquecimento da situação e a consequente cobrança por respostas, o super responsável pelo abuso é afastado do grupo principal de heróis da corporação. Esse movimento final é feito dando preferência para a imprensa, o que condiz com o indicado por Dornelles (2012) de que em “um quadro de visibilidade pública, a imprensa deve ser priorizada”. Para tal, como a exposição da crise estava cada vez mais intensa e por se tratar de uma celebridade, optou-se pela gravação de um vídeo, que, em um momento de crise, é considerada uma importante ferramenta

(Teixeira, 2019). Com isso, o super assumiu o papel de porta-voz, recebeu um *media training* e um roteiro para seguir, visando transparecer um posicionamento (supostamente) claro e coeso no vídeo.

Cabe destacar que mesmo com o gerenciamento final da crise seguindo os parâmetros comumente indicados na literatura isso só foi realizado pois a ameaça a vítima falhou; a crise estava ganhando uma superexposição, visto que a super denunciante possuía uma alta popularidade e o responsável pelo abuso já estava com sua reputação abalada, por conta de outro caso ocorrido em episódios anteriores, reforçando a falta de ética da corporação. Para além, o abusador não foi realmente punido, apenas afastado temporariamente de seu posto na equipe principal e os fatos sobre a situação não foram apresentados com transparência, já que o super é orientado a contar uma mentira em seu vídeo de esclarecimento, visando parecer arrependido. Por conseguinte, é possível afirmar que a série se ancora em um acontecimento infelizmente comum na sociedade geral (assédios sexuais) para desenrolar suas críticas principais, sendo uma aos abusos de poder – que estão presentes em grandes corporações e relacionados a prática de acobertamento. Ademais, faz uma crítica aos aspectos da cultura capitalista, principalmente voltada à priorização da obtenção do lucro. Também critica o costume empregado pelos acusados de assédio sexual, de justificar o ato dizendo que havia sido consensual – um comportamento adotado visando abster-se da culpa e responsabilidade.

Voltando-se novamente aos aspectos relacionados à crise e sua gestão, os roteiristas trazem menos práticas comumente indicadas e mais práticas estereotipadas, como o uso de ameaças e o acobertamento de situações apresentadas sendo algo corriqueiro em corporações. Porém, ainda que de forma irônica, também representam o uso de técnicas indicadas como preferência para a imprensa em casos de visibilidade pública, pronunciamentos por vídeos e *media training*. Todos esses aspectos auxiliam nos deslizamentos de sentido para outras camadas de interpretação do seriado, acomodando as críticas intencionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a partir da investigação realizada e das categorias estabelecidas para a análise, pode-se dizer que o objetivo proposto foi atingido. Logo, foi identificado que, na situação estudada, os comportamentos adotados na gestão da crise se aproximavam das teorias da área. Em determinados momentos, as técnicas eram empregadas como

recomendadas, mas por vezes de maneira antiética – seguindo o indicado, porém contando uma mentira, por exemplo. De forma geral, as representações transmitem a relevância do trabalho de gestão de crises para a manutenção de relacionamentos com os públicos e a mídia e, conseqüentemente, de reputações – tanto organizacionais quanto de celebridades. Pode-se destacar que a mídia também foi representada como um importante veículo para a divulgação de esclarecimentos, o que condiz com o indicado pelos teóricos da área, sobre oferecer uma comunicação clara e concisa. É relevante destacar ainda que, mesmo havendo a representação de técnicas estereotipadas é perceptível o viés crítico que elas possuem. Contudo, por não ser algo explícito, essas representações podem levar os espectadores mais leigos a concluir que crises sempre são geridas dessa maneira.

REFERÊNCIAS

BOM para a Alma (temporada 1, ep. 5). **The Boys** [seriado]. Direção: Stefan Schwartz. Produção: Eric Kripke. Estados Unidos: Amazon Studios, 2019. (1h 3min) son., color.

DORNELLES, Souvenir Maria G (org.). **Relações Públicas: planejamento e comunicação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 12, n. 28, p. 18-29, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/yck6bkrd>. Acesso em: 14 mar. 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

NEVES, Roberto de Castro. **Imagem empresarial**. Rio de Janeiro: Mauad, 2000

O NOME do Jogo (temporada 1, ep. 1). **The Boys** [seriado]. Direção: Jennifer Phang. Produção: Eric Kripke. Estados Unidos: Amazon Studios, 2019. (1h 2min) son., color.

OS INOCENTES (temporada 1, ep. 6). **The Boys** [seriado]. Direção: Dan Trachtenberg. Produção: Eric Kripke. Estados Unidos: Amazon Studios, 2019. (1h 2min) son., color.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Escola Nacional de Administração Pública (Enap), 2021. 157 p. (Coleção Metodologias de pesquisa). Disponível em: <https://tinyurl.com/ytt2h8t4>. Acesso em: 3 dez. 2023.

TEIXEIRA, Patrícia. **Caiu na rede. E agora?** gestão de crises nas redes sociais. 2. ed. São Paulo: Évora, 2019.